

**DEZ CONSELHOS ENXADRÍSTICOS QUE EU GOSTARIA DE TER
RECEBIDO QUANDO EU COMECEI NO XADREZ**

Luiz Emanuel

INTRODUÇÃO

Eu não sou ninguém. Não venci grandes campeonatos, não tenho uma classificação elevada ou uma partida imortal. Eu sou apenas ninguém, logo, trate da mesma maneira tudo que está escrito aqui.

Estes conselhos são frutos do meu privilégio. A grande maioria dos enxadristas brasileiros não tem condições de ter acesso aos treinadores, livros, cursos e discussões em fóruns estrangeiros. O Brasil é um pântano, sombrio e difícil, e o xadrez é apenas mais uma das coisas afetadas pela essência da nação.

Talvez as ideias aqui contidas não sejam as mais eficientes ou as melhores, mas eu tentei compartilhar o que de melhor eu encontrei nos últimos meses (desde que voltei a estudar xadrez, em Março de 2020 – após longos cinco anos afastado). Portanto, sinta-se livre para discordar, refutar e destruir esse arquivo se quiser. Só peço uma coisa: o faça publicamente, tornando o conhecimento livre e gratuito para todos.

Como o título descreve, são conselhos que eu gostaria de ter recebido quando comecei no xadrez, aos meus 14 anos de idade, com o ego destruído por ter sido derrotado na frente de todos no Ensino Médio. Da necessidade de vingar minha vergonha, em algumas semanas estava vencendo todos do IFPB em Monteiro-PB.

Meus pais não podiam gastar grandes quantias com aquilo que era, para mim, apenas um ‘hobby’, então, por muito tempo, meus companheiros foram um tabuleiro de napa, peças de plástico ocas e uma versão quase mofada do “Xadrez Básico”, do Dr. Orfeu D’Agostini.

Minha cabeça nunca foi das melhores. Eu era um ‘aspie’ (como denominam as crianças portadoras da “Síndrome de Asperger”), sem saber, na época, porque eu era tão triste e preferia a solidão. Numa dessas crises, joguei um péssimo torneio, fui destruído, perdi apoios e decidi nunca mais mover uma peça de xadrez na minha vida.

Curiosamente, foi o xadrez que me salvou de surtar durante a pandemia.

A vida é engraçada, não sei se bela – como afirma a arte antiga.

Este sou eu (um garoto autista e depressivo). Este é o documento (um monte de textos de Facebook na íntegra). Ficarei feliz se ele te ajudar e se o meu estilo de escrita lhe agradar. Não quero dinheiro ou fama com isso, apenas passe o conteúdo para a frente e ajude outros enxadristas.

Tempus fugit, memento mori.

1. PARA QUEM REALMENTE QUER APRENDER XADREZ...

Então você assistiu "O Gambito da Rainha" (sic) e decidiu iniciar o seu caminho de sucesso rumo ao embate contra Magnus Carlsen pelo título mundial em cinco anos?

Bem, como diria o GM Rafael Leitão: "Calma, veloz!"

Se você ainda não se deparou com a realidade (abriu uma conta em um dos servidores famosos e foi massacrado por vezes sem fim até ficar depressivo), serei eu o estraga-prazeres da vez.

O xadrez, diferentemente da maioria dos jogos, não é intuitivo ou cumulativo. Sem que alguém lhe informe as regras básicas, no máximo você irá separar apenas os peões e começará uma partida de damas com duas fileiras apenas. E mesmo com as regras, você não vai conseguir muito além de ser derrotado em alguns lances. E não importa quantas vezes você jogue, sem o estudo, sua evolução será limitada.

Resumindo: sem estudo, ninguém verá Caíssa.

Se você ainda não desistiu do texto, aqui começa aquilo que você veio procurar: o que você deve estudar se, realmente, está interessado em aprender e evoluir o seu xadrez.

O aprendizado do xadrez consiste em três etapas: os elementos, os fundamentos e os desenvolvimentos. Quebrar etapas ou não construir uma sólida base de conhecimento em alguma dessas etapas vai causar prejuízos imensos ao seu jogo e cultura enxadrística.

* * *

Vamos começar pelos elementos.

O que eles são? São o mínimo, o mais elementar para se praticar os movimentos de xadrez; as regras e convenções que tornam uma partida possível e que encaminham o jogador para iniciar o seu processo de conhecimento do jogo.

No Brasil, provavelmente, temos o melhor curso elementar totalmente gratuito, que é a insuperável produção do Prof. e MN Julio Lapertosa. Antes de criar uma conta e sair empurrando peças pelo tabuleiro como um maluco, seja civilizado: acompanhe as 64 aulas, faça anotações, preste atenção e não mova um peão até ter entendido perfeitamente o que lhe foi passado.

Você pode acessar o curso completo aqui: <https://bit.ly/3pyb4oe>.

* * *

Dando continuidade, vejamos os fundamentos.

Se você cumpriu a missão anterior de assistir e prestigiar o excelente trabalho do Prof. e MN Julio Lapertosa, começou a entender alguns conceitos ainda abstratos dos tópicos principais do jogo: Aberturas, Táticas, Estratégias e Finais.

Neste momento, você precisa conquistar o conhecimento fundamental de cada uma das partes do xadrez, começando a criar algum sentido nos movimentos que executa e observar as principais ideias dos movimentos do seu adversário.

O melhor material sobre isso (apesar das críticas à notação descritiva — que é uma bela tempestade em copo d'água, pois em cinco minutos você já terá aprendido o sistema) é o tradicionalíssimo "Xadrez Básico", do Dr. Orfeu D'Agostini. Muitos torcem o nariz, mas muitos também não saem do U1200 e não entendem o porquê — seja esperto, sente a bunda na cadeira, estude e deixe o barulho para trás.

* * *

Antes de tratar do desenvolvimento, vamos falar sobre rotina de estudos/treinamento.

Mesmo que você compre dezenas de livros, assista milhares de aulas e desenvolva longas conversas sobre a "importante" discussão de quem são os(as) cinco melhores jogadores(as) da história (cá entre nós: que tédio!), se você não tiver uma rotina regular de exercício, prática e estudo, você não vai evoluir.

A consistência e o equilíbrio são a chave do processo, não vai adiantar muito jogar durante doze horas consecutivas num Domingo e ficar o resto da semana de ressaca por ter apanhado de todos os lados.

Um bom treinamento se resume em igualdade de tempo para exercício, prática e estudo, numa frequência contínua e não-desgastante.

Como isso pode ser? Talvez, 1h resolvendo exercícios de tática no ChessTempo pela manhã, 1h de prática e análise no Lichess de tarde (voltando ao título, se você quer realmente melhorar, fuja do Bullet e do Blitz. Prefira jogar apenas uma boa partida de 15m+10s com atenção e foco — seguida de uma boa análise em tabuleiro físico — do que uma centena de partidas completamente inúteis e deploráveis) e 1h de leitura com o tabuleiro físico do livro da vez durante a noite.

Para alguns, é um absurdo essa ideia, mas, novamente: a maioria não segue uma rotina nem se dedica seriamente, a mesma maioria que vai tomar Pastorzinho em Abertos pelo Brasil afora.

* * *

E vamos de desenvolvimento!

Se os elementos podem ser aprendidos em semanas e os fundamentos em alguns meses, o desenvolvimento desse conhecimento durará uma vida.

Seja você um amador dedicado ou o campeão mundial, você sempre estará estudando, exercitando e praticando Aberturas, Táticas, Estratégias e Finais.

Honrada a obra do Dr. Orfeu, você poderia buscar pelos seguintes títulos (dando sempre preferência a ordem: táticas, estratégias, finais e aberturas):

- Aberturas: "Fundamental Chess Openings (FCO)", Paul van der Sterren;
- Táticas: "The Art of Attack in Chess", Vladimir Vuković;
- Estratégias: "Meu Sistema", Aaron Nimzowitsch;
- Finais: "100 Endgames you Must Know", Jesus de la Villa.

Cumprida essa missão, você saberá quais os próximos títulos. Um bom livro sempre indica outros dez ótimos livros (e o ciclo é infinito).

* * *

Concluindo essa quase dissertação de mestrado (perdão pelo tamanho, mas o assunto pede essa extensão), gostaria de dizer que não apenas eu acredito que este seja um caminho saudável e efetivo no longo prazo (eis uma ideia importante!), como eu mesmo tenho aplicado no meu próprio jogo desde o início do ano e vi o meu rating estimado (Elometer) subir de 1634 para 2013.

Os números são apenas números. Apesar de representarem algo na comunidade, o mais importante me pertence: eu finalmente estou conseguindo compreender os meus erros e criar planos de estudos eficazes para resolver minhas debilidades.

Tudo na vida é uma questão de foco, consistência e equilíbrio. Mantenha estas três palavras por perto e não apenas o seu xadrez irá evoluir.

2. COMO ESTUDAR UM LIVRO DE XADREZ?

É bem comum que após algum tempo aprendendo os elementos do xadrez, alguns enxadristas se sintam na obrigação de entender mais sobre o jogo e evoluírem enquanto praticantes da arte-ciência.

Independente do método que você escolha (contratar um treinador, comprar um curso, se juntar a um clube, etc.), em algum momento da jornada estará na sua frente um livro de xadrez. Para muitos, a leitura é um motivo de sofrimento; a literatura enxadrística então (que pune o aprendizado passivo) é o mais próximo de uma tortura.

Entretanto, não há fugas. São as pequenas decisões que definem se você é apenas um jogador casual (o que não há nada de errado, diga-se) ou se é um amador dedicado com algumas aspirações enxadrísticas, sejam competitivas ou intelectuais.

Portanto, saiba nessa primeira parte se você deve seguir lendo o resto do texto: ler um livro de xadrez exige muito mais esforço, foco, concentração e dedicação do que a literatura universal. Se um livro é o seu pior inimigo (o que é uma pena), um livro sobre xadrez será uma tropa inteira à sua caça.

* * *

Entrando no assunto, direi a primeira coisa positiva para os que ficaram: a literatura enxadrística é vasta em temas, mas extremamente simples em formas. Basicamente, há apenas três tipos de livros: os conceituais (que apresentam ideias, fundamentos e estudos sobre determinado tópico), os laborais (escassos em texto, focados em oferecer exercícios, composições e posições críticas para análise) e os expositivos (normalmente, que apresentam uma análise do autor — na sua maioria, coleções de partidas).

Sobre a segunda forma, não há muito o que se falar: é focar e resolver os exercícios. Claramente, existem formas de tornar estes treinos mais efetivos — se estiver ao meu alcance, eu escreverei sobre o desenvolvimento da habilidade de calcular posteriormente.

Já sobre a primeira e a terceira forma, o método é o mesmo. Um alívio nesse mundaréu de informações diárias que o xadrez.

* * *

Antes de começarmos, preciso reforçar: sim, é trabalhoso; sim, é melhor ficar jogando Bullet na internet; e sim, não vai haver um único dia que você vai estar saltitando porque irá ler um livro de xadrez logo mais. É como verduras, legumes e frutas: tem que comer, mesmo que engolindo o choro.

Primeiramente, vamos aos materiais: o livro propriamente dito (seja físico ou digital), um tabuleiro virtual, um tabuleiro físico, papel e caneta (ou lápis, se você for um ser primitivo como eu).

Em resumo, o livro te fornecerá o conteúdo que você está procurando, seja a análise de uma partida, a exploração de uma posição ou a apresentação de uma abertura/defesa. Seu único trabalho é interpretar a informação para o seu cérebro, que não dialoga na mesma língua que o tabuleiro.

No tabuleiro virtual, você irá apenas passar os lances principais (os que realmente ocorreram na partida, a forma indicada pelo autor de aplicar a vantagem naquele final ou a linha principal da defesa que está sendo apresentada). Ele não terá outra utilidade além de manter por perto a posição-base do estudo, te deixando livre para navegar pelas variantes com uma bússola para voltar para casa depois.

Bem, o tabuleiro físico é o seu barco nessa aventura. Não pule as variantes apresentadas pelo autor, passe por todas elas movimentando as peças, observando os temas que estão sendo criados e questionando a posição sobre possíveis outros lances não apontados pelo autor (normalmente, por serem horríveis e motivo de prisão na Rússia).

Papel e caneta (viva o lápis!) são as suas armas para tentar refutar ou para agradecer o autor. Anote suas dúvidas de lances não abordados e prossiga a partir deles para descobrir as respostas (sem uma maldita engine!), anotando tudo que encontrar e as lições obtidas até ali.

Com o tempo (e coloca anos na conta), você acabará construindo uma envergadura literária tão profunda que é capaz de comentar até os maiores clássicos do nosso meio com propriedade e clareza. Seu jogo, evidentemente, vai agradecer para sempre os legumes que você engoliu mesmo fazendo cara feia.

* * *

É assim que eu tenho lido os poucos livros que adquiri nos últimos meses; sem pressa ou correria, não me preocupando se irei terminar em semanas ou meses, apenas me preocupando em aprender tudo que os mestres tem para nos oferecer.

Se possível evite a pirataria. Sei que o nosso país nos coloca diversas dificuldades diárias e, para muitos, a vida financeira está sempre na corda-bamba. Mas aos que tiverem condições, apoiem os autores e editoras, deem o estímulo para que cada vez mais conteúdo outrora reservado apenas para a elite esteja disponível para todos.

Não há mágica além da magia dos belos movimentos, a evolução é fruto de sair da zona de conforto e tentar a cada dia ser um pouco melhor do que ontem.

3. COMO EXERCITAR O CÁLCULO?

Assim como os livros serão indicados em algum momento para qualquer enxadrista, os exercícios de cálculo rondam o rol de obrigações do amador dedicado (lembrando: o exercício, a prática e o estudo, em doses iguais e efetivas).

Só que, provavelmente, você já tentou fazer alguns exercícios, acertou alguns, errou outros e chegou na conclusão precipitada: isso daqui é perda de tempo!

Em partes, é possível concordar: o conteúdo errado, exercitado da maneira errada e na intensidade errada não irá trazer muitos benefícios mesmo. Se não for para fazer direito, é melhor não perder tempo.

* * *

Vamos analisar primeiramente o conteúdo utilizado.

A grande maioria dos enxadristas apenas pegam os exercícios que estão à sua disposição, seja no servidor que estejam acostumados a jogar ou em alguma plataforma focada neste tópico. Sem distinções, afinal é só mover as peças e ver no que dá, não é mesmo?

Pois bem, assim como você não entrega uma prova de Cálculo II para um aluno do Ensino Fundamental, o enxadrista iniciante não deve romper etapas ou não se preocupar se o conteúdo que ele está exercitando é algo que ele ao menos conhece os fundamentos.

Não dá para querer resolver as composições do Kasparian, quando o que você precisa no momento é nunca mais perder o "Mate em 2" que você deixou passar nos últimos confrontos.

Por isso, antes de se aventurar em exercícios aleatórios, com temas desconhecidos e motivos obscuros, siga a ordem lógica: os Mates (em 1, em 2, em 3, etc.), os Fundamentos de Tática (Garfo, Raio-X, Desvio, etc.) e, por fim, as Composições.

Estes são alguns materiais que eu utilizei (e utilizo!) e me fizeram muito bem, respectivamente:

- "Chess: 5334 Problems, Combinations and Games", Lázsló Pólgar;
- "Combinative Motifs", Maxim Blokh.
- ChessTempo (<https://bit.ly/37ZR5Jm>).

* * *

E enfim, a parte prática: a técnica para desenvolver efetivamente as suas capacidades de cálculo.

Primeiramente, "chutar um lance" deveria ser crime no Brasil (na Rússia, com certeza, é crime contra a ordem). Se você estiver certo, não evoluirá; se estiver errado, vai ficar estressado e chutar mais uma dezena de lances até reestabelecer a paz interior.

Novo exercício? Mão fora do mouse, do livro, da tela, não importa de onde: cálculo é um exercício intelectual que utiliza as mãos apenas para executar suas respostas.

Entre dentro do tabuleiro, tome por um momento aquela posição como se fosse a sua partida (e algum dia irá ser): como está a relação material? Há peças cravadas, desprotegidas ou sobrecarregadas? O Rei está seguro? A Dama está numa coluna/fila que há peças com raio de ação sobre ela? As Torres estão coordenadas? Qual dos lados possui a estrutura de peões mais saudável?

Apenas respondendo estas perguntas, você encontrará motivos e ideias (caso não seja informado no problema) que merecerão a sua atenção e cálculo.

* * *

Cuidado com a armadilha do primeiro acerto!

Não aceite como final a resposta de um primeiro cálculo. Reavalie as linhas, busque lances intermediários e então verifique por fim toda a linha analisada. Se estiver usando livros, anote num papel a sua resposta e somente após a sessão de treinamento verifique seus erros e acertos no gabarito.

Entretanto, há uma exceção — indicada, inclusive, pelo Artur Yusupov (um dos melhores treinadores da história): se você não conseguir resolver o exercício "às cegas" entre 5 ou 10 minutos, pare, pegue o seu tabuleiro físico, monte a posição e encontre as linhas movendo as peças e analisando as variantes "às claras". Isso vai evitar a frustração de passar mais de dez minutos sem uma resposta e ainda te preparará para calcular não apenas com uma visão 2D, mas também 3D.

* * *

O cálculo é uma das habilidades mais importantes do xadrez. Numa partida oficial, não há o conforto do seu lar e o tempo livre à sua espera, o relógio aperta, há pessoas olhando e você precisa estar mais do que preparado para não deixar que isso te afete.

Adicione uma dose diária de exercícios de cálculo na sua vida, e não apenas o seu xadrez irá agradecer a atividade.

4. ABERTURAS: SANTO GRAAL OU CAIXA DE PANDORA?

Não precisa se sentir culpado, mas eu sei que você assistiu hoje algum vídeo sobre truques e golpes contra o Sistema London.

Munido do precioso saber, não pestanejou em abrir o servidor, encontrar a primeira vítima e se deleitar no desespero do oponente ao ver que estava acabado.

O apego que muitos iniciantes tem ao estudo de aberturas é genuíno: eles até tentaram aprender xadrez da maneira certa (estudando estratégia, tática, finais, analisando partidas, etc.), mas tudo isso foi em vão ao serem derrotados por um truque barato.

Sabe aquela história de que o enxadrista nasce bom e o Pastorzinho o corrompe? Ela é mais comum do que se imagina.

* * *

O fato é que você não precisa ir para o lado sombrio da força.

Deve haver algum motivo desses truques e golpes não estarem presentes nos grandes eventos e nos repertórios dos grandes enxadristas, certo?

E o motivo existe: em sua totalidade, eles cumprem o que foram criados para fazer, isto é, derrotar iniciantes. Com uma pequena dose de atenção, o cálculo em dia e o conhecimento dos fundamentos da abertura, seu adversário estará frustrado em ver sua "arma secreta" se tornar um estilingue quebrado.

Portanto, se você é um U2000 (isto é, está abaixo dos 2000 de rating), não gaste o seu precioso tempo de estudo em golpes, truques e variantes duvidosas. Seu foco no estudo de aberturas deve estar nos fundamentos (o domínio do centro, a atividade das peças menores, a proteção do Rei e a coordenação das Torres; sem perder tempos).

Com a prática constante e os estudos em dia, naturalmente algumas aberturas vão lhe parecer mais confortáveis do que outras. Você não precisa, no momento, aprender a teoria profundamente, apenas mantenha elas no radar e você já terá uma base de quais linhas irão compor o seu repertório mais adiante.

* * *

Perfeito, você rompeu a barreira dos 2000+. Seja bem-vindo, e saiba que agora as coisas começaram a ficar mais complicadas. Daqui pra frente, boa parte dos adversários são enxadristas dedicados e com boa desenvoltura nos principais temas do jogo.

Se você, assim como eu, apenas foi deixando de lado o estudo das aberturas e focou nos demais temas (tática, estratégia e finais), é momento de arregañar as mangas e começar a montar um repertório de aberturas.

Mas, um minuto, não se apavore: você não é um jogador titulado. Não há menor necessidade de querer montar um repertório digno de um campeão mundial.

Seu repertório deve ser bem simples (e flexível às transposições, se possível): você deve conhecer as principais linhas contra o seu primeiro lance de brancas (e aqui, se possível, não invente moda: 1. e4, 1.d4, 1. c4 ou 1. Cf3) e as principais linhas das defesas que você elegeu contra 1. e4 e 1. d4 (os lances mais comuns); você pode até querer ter defesas específicas contra 1. c4 e 1. Cf3, mas se você escolher defesas bem flexíveis para 1. e4 e 1.d4, em 99% dos casos elas serão alcançadas por transposição.

E ainda, você pode ser um extremo preguiçoso como eu e eleger um sistema neutro de brancas. Isso reduz bastante o trabalho e te deixa livre para seguir estudando táticas, estratégias e finais (que até você começar a enfrentar jogadores titulados, é o que vai fazer diferença no resultado das partidas).

* * *

Encerrando, eis o mais importante: estudar aberturas vai melhorar as suas aberturas, e após os primeiros lances a abertura acaba.

Boa parte da estagnação de alguns é culpa do estudo massivo de linhas e mais linhas teóricas e pouco exercício de cálculo, estudo de estratégia e uma boa técnica de finais.

Se você está abaixo dos 2000, se mantenha dentro dos fundamentos, que você irá entrar no meio-jogo com bom desenvolvimento, algum domínio central, o Rei protegido e suas Torres coordenadas. Tudo pronto para seguir o combate no meio-jogo.

Se você ultrapassou os 2000, comece a construir um repertório de aberturas, mas vá aos poucos. Estude as linhas principais, assuma poucas defesas e siga aprimorando sua tática, estratégia e finais.

Quando você se tornar um jogador titulado (2200+), com certeza alguém terá melhores conselhos para te passar sobre esse tema

No que está ao meu alcance e no que eu aplico no meu jogo, eis aqui os principais conselhos que recebi dos mestres que ouvi e do livros que eu li.

5. COMO ESTUDAR UMA ABERTURA/DEFESA?

No texto anterior, eu falei um pouco sobre as aberturas e a relação positiva ou negativa dos seus estudos com o enxadrista amador.

Nela, deixei claro a minha percepção após conversar com mestres e buscar na literatura que criar um repertório de aberturas antes dos 1800+ é um esforço sem muitos benefícios, muitas vezes se tornando um "vício" que consome o seu tempo de melhorar naquilo que importa no momento: táticas, estratégias e finais.

* * *

Pois bem, você rompeu os 1800+ e está começando a enfrentar adversários mais robustos, com repertório formado e novidades em dia. Mas, novamente, não se desespere: você não venceu o Torneio de Candidatos e não vai enfrentar o Carlsen no próximo verão.

A base de um bom repertório é o conforto com a posição no tabuleiro. Nem sempre escolher as linhas historicamente vencedoras é um bom negócio, afinal de contas, a abertura acaba e se você não se sentir bem com sua posição no meio-jogo vai entregar as pontas rapidamente.

Claramente, o bom senso é parte do negócio. Não vá estudar linhas duvidosas e truques ridículos, pois lugar de lixo é no lixo e não no templo de Caíssa.

* * *

Escolher uma abertura/defesa é muito simples, basta buscar no seu mais profundo interior aquilo que aquece o seu coração: (a) uma partida sonolenta, (b) uma partida tranquila, mas com recursos, (c) uma partida agitada, mas com requintes posicionais ou (d) o inferno imediato e contínuo até o último lance.

Com essa resposta em mãos, você pode começar a procurar jogadores-modelo que se adequem ao seu estilo e encontrar o repertório deles. É óbvio, você não precisa estudar todas as linhas e variantes que eles dominavam. Apenas escolha uma abertura de brancas e duas defesas flexíveis de negras (de preferência, contra 1. d4 e 1.e4).

* * *

O estudo de uma abertura/defesa é feita em etapas.

Primeiramente, você precisa saber do que se trata. Para isso, apele à Wikipedia ou use o "Fundamental Chess Openings", do Paul van der Sterren. Apenas entenda o sentido dos primeiros lances e o porquê deles existirem e, então, prossiga para a segunda parte.

Com uma ideia geral dos lances principais da variante escolhida (e, talvez, alguns desvios comuns) é hora de selecionar partidas-modelo. E, aqui, o erro come solto. A lógica parece fazer sentido: é só escolher as vitórias do meu lado e aprender como faz, certo?

Bem, até as rosas tem espinhos.

É essencial estudar também as derrotas e empates da sua abertura/defesa. De preferência, aquelas que foram já definidas nos primeiros lances. Você aprenderá com o erro alheio o que não deve fazer, mesmo que pareça bom.

Deixe o estudo das vitórias para as partidas mais longas, onde um plano de meio-jogo foi aplicado e um final temático foi conquistado. Mesmo que você seja um jogador absurdamente agressivo, conhecer os planos da sua abertura/defesa do início ao fim é essencial para saber as debilidades do exército inimigo e as manobras das suas peças.

* * *

Por fim, passe no computador. Se quiser.

Eu sou um pouco chato com o uso das máquinas no xadrez. Elas estão aí, vão ficar e trouxeram muitos benefícios, mas eu não consigo usá-las sem antes esgotar o meu cérebro.

É uma questão de geração. Apenas não pule as etapas e vá decorar os lances do computador. Caíssa pune, e, normalmente, costuma ser o "lance da vida" de alguém. Cuidado!

6. ENXADRISTA, SEJA PRAGMÁTICO!

Este é um texto para enxadristas desmotivados.

Não me acusem de estar corrompendo a parte artística do xadrez, é por uma boa causa.

* * *

Nessa tempestade de informações que é o mundo moderno, a facilidade se encontra na dispersão e o sofrimento na atenção.

Muitas vezes, o enxadrista recém-chegado até sabe quais conteúdos deve acessar, como deve organizar uma rotina de treinamentos e os métodos para tirar um maior proveito de cada atividade.

O problema se mostra na execução: é extremamente chato ler uma explicação sobre finais de peões, mas é extremamente satisfatório ver o último sacrifício que o Nakamura fez num Bullet ontem. E como um prazer puxa outro, logo você estará numa compilação de momentos engraçados de 'streams'.

Não preciso repetir que a evolução do seu xadrez não está ali, porque você já sabe.

Também não censuro o prazer, ele é bom -- após encerrar as tarefas.

* * *

Recentemente estava conversando com um amigo aqui da comunidade enxadrística e ele me perguntou acerca do GM Henrique Mecking (o "Mequinho"), e ele não conseguiu acreditar na minha resposta sobre não conhecer as partidas dele.

Veja bem, eu conheço a história e honrarei sempre que possível essa lenda do xadrez nacional, mas eu sou um enxadrista de estilo totalmente diverso ao gênio brasileiro. Em última análise, aprendi a selecionar o que me interessa e colocar todo o resto para ver depois.

É óbvio que você não precisa parar de acompanhar todos os eventos e mestres, mas apenas coloque na balança quantas partidas dos seus "enxadristas-modelo" você deixou de analisar e aprender para apreciar uma profunda batalha de Hyperbullet.

Ou ainda, quantas páginas você poderia ter estudado do livro empoeirado na estante, que você preferiu gastar brigando na internet com pessoas aleatórias que, pasmem, cometeram o escárnio de pensar diferente de você.

* * *

Rotina, aplicação e foco. Três palavras malditas!

Mentir para si mesmo é sempre um bom alívio, afinal naquele dia você fez cinco horas seguidas de exercícios de tática!

O cruel é que "aquele dia" é irrelevante, a única coisa que importa é montar o tabuleiro todos os dias.

Seja pragmático. Não porque é bom, mas porque se tornou necessário...

7. COMO CRIAR UMA ROTINA DE TREINAMENTOS?

Apesar de não ser a parte difícil do processo, acho justo um breve texto sobre isso.

Também não estou aqui afirmando que esta é a maneira correta de se estudar xadrez ou que todas as outras formas são inferiores ou não funcionam, apenas estou compartilhando o que eu fiz com uma pequena disponibilidade de tempo e dinheiro, mas com bastante vontade e perseverança.

* * *

Antes de tudo, é importante afirmar que você estará perdendo o seu tempo se quiser aplicar algo daqui ainda estando em nível elementar (0-1200).

Para quem está começando agora ou nunca saiu dos primeiros passos, eu escrevi há algum tempo atrás dicas e conselhos que podem dar início aos seus estudos de xadrez (o primeiro artigo deste documento).

* * *

O primeiro erro cometido na criação de uma metodologia de treinamento é focar demasiadamente num ponto específico. Há três tópicos principais numa metodologia: os estudos, os exercícios e a prática.

Apenas ler dezenas de páginas por dia não vai resolver seus problemas. Jogar até cansar, muito menos. E até fazer exercícios de tática como um obcecado não é tão benéfico.

O equilíbrio é a chave de uma rotina saudável.

* * *

O tempo também é um fator onde alguns erros aparecem.

Num dia, você estudou doze horas consecutivas; no outro, exausto, apenas jogou uma partida mal e quase quebrou o computador; e, quando vê, fazem duas semanas que não monta nem o tabuleiro pra ver se todas as peças estão por ali.

Por sua vez, cada tópico precisa de uma disponibilidade de tempo: há tempo para exercitar padrões e motivos, tempo para jogar e analisar e tempo para ler, anotar e questionar.

O melhor sistema é aquele que coloca em pé de igualdade ou proximidade o empenho em cada área.

* * *

Sempre acreditei que melhor do que construir um argumento é ser um exemplo do que se acredita.

Por isso, vou colocar em detalhes a minha rotina diária (Segunda à Sábado, com o importante descanso no Domingo).

* * *

Meu dia começa às 5h00 da manhã. Sou privilegiado de começar a trabalhar apenas às 8h00 da manhã e morar perto do meu trabalho (atualmente, em 'home office', dormir do lado dele), o que facilita todo o processo.

Então, de maneira sagrada, preciso correr (é o único exercício que eu tolero), pelo menos, meia-hora para começar o dia (eu luto para chegar em uma hora, e tenho conseguido aos poucos). Se a matemática ainda está em dia, sobram 120 minutos até estar no trabalho.

Desses 120 minutos, eu irei dedicar 60 minutos ao exercício de cálculo, sendo 30 minutos de padrões de xeque-mate (via "Chess: 5334 Problems, Combinations and Games", do László Polgár) e 30 minutos de temas táticos (via "Combinative Motifs", do Maxim Blokh), seguindo as dicas que eu coloquei no meu texto sobre o assunto.

Os 60 minutos restantes são para ler um pouco (algo fora do xadrez, evidentemente) me alimentar e me arrumar, chegando com tranquilidade e no horário -- com mente e corpo já exercitados.

Cada um tem uma rotina, um horário e uma disponibilidade. Se você não consegue separar uma hora da sua manhã para isso, faça em trinta minutos, quinze minutos ou até um único exercício de cada segmento. Apenas faça com consistência e perseverança.

* * *

No início da tarde, com o horário do almoço, às 12h00, mais uma vez a vida foi boa comigo e me permitiu ter duas horas de intervalo.

Deste intervalo, eu vou descansar e me alimentar em uma hora e, utilizar a hora restante para praticar na internet e analisar com tabuleiro e peças físicas.

Por um bom tempo (antes do boom da série), eu joguei partidas de 15m+10s no lichess.org contra adversários aleatórios. Com o aumento do número de 'cheaters', decidi começar a jogar contra a máquina num nível um pouco superior ao meu. Pelas máquinas jogarem "ao toque", puxei todo tempo do relógio para mim, sendo sempre algo como 45m+0s ou 60m+0s.

Encerrado o embate, é colocar a anotação num papel, desligar o computador e buscar os erros, falhas e temas fazendo os lances num tabuleiro físico e anotando ideias.

É desgastante, trabalhoso e você vai parecer um idiota no meio do pessoal, todavia, danem-se os outros, apenas faça o que tem que ser feito.

* * *

Por fim, livre do trabalho, tenho a noite inteira para a última etapa: estudar um livro de xadrez.

Todavia, não vou enfiar toda a minha noite nisso. Não é saudável e nem trará tantos benefícios. Me limito a apenas uma hora de estudo do livro que estou lendo no momento.

Você pode até querer variar os assuntos durante a semana, mas isso vai sair mais caro. Afinal, será necessário comprar vários livros de uma vez. E, ainda, ter poucos livros a disposição te força a estudá-los (e ter pago por eles, te motiva ainda mais!).

* * *

Apesar de descansar apenas no Domingo, o Sábado é um dia menos sério: eu não trabalho, então minha rotina é um pouco mais flexível e eu costumo apenas manter os exercícios físicos e de cálculo pela manhã.

No decorrer do dia, eu faço uma pequena sessão de Blitz (3m+2s) e estudo um pouco do meu "grandioso" repertório de aberturas.

* * *

Eu sei que nem todas as pessoas possuem as facilidades que eu tenho e coloquei acima, mas acredito que todos tem a capacidade de fazer um pequeno esforço em favor daquilo que amam.

A consistência deixa marcas de longo prazo que dificilmente serão apagadas. O custo é alto, mas a recompensa é certa.

8. COMO SELECIONAR ENXADRISTAS-MODELO?

Escrevi recentemente sobre a necessidade do pragmatismo no xadrez e como selecionar bem as fontes de estudo lhe permitem um maior aproveitamento de tempo e recursos.

A escolha de um rol de enxadristas-modelo se inicia numa descoberta de si mesmo. Embora exista um único objetivo (ganhar a partida), muitos são os caminhos e conceitos que podem nos levar até ele.

E mesmo que você se denomine um enxadrista "neutro", há -- pelo menos, abaixo do Top 100 -- pontos do seu jogo que tendem mais para um dos vários lados dessa moeda multi-dimensional.

* * *

Antes de tudo, precisamos definir, mesmo que de maneira simplificada o que é um enxadrista-modelo, qual a sua importância numa jornada de estudos e os principais estilos de jogo que você pode se encaixar e procurar referências.

* * *

Um enxadrista-modelo, é um jogador com resultados expressivos que expõe de maneira quase que perfeita aquilo que você tenta fazer nas suas próprias partidas.

Este "exemplo quase perfeito" pode lhe ser útil tanto para formar o seu repertório de aberturas, quanto para expandir a sua visão de planos, temas e ideias em posições conhecidas.

Para encontrar o seu rol de enxadristas-modelo, antes você precisa se identificar em um dos estilos de jogo. De maneira simplificada, existem os jogadores táticos e os posicionais, com inspirações artísticas ou técnicas.

Em exemplos: a Judit Polgar é uma enxadrista tática, mas com elevado nível técnico; já o Mikhail Tal esbanjava a arte. Na mesma linha: José Raul Capablanca era um enxadrista posicional, mas com aflorado senso artístico; enquanto Vladimir Kramnik esbanja técnica.

* * *

No final do dia, evidentemente, os enxadristas podem ser várias coisas -- e alguns, como é o caso de Magnus Carlsen, Fabiano Caruana e Hou Yifan conseguem navegar por todos os mares com perfeição.

Infelizmente, a escolha de um enxadrista-modelo pede uma mínima consistência no estilo e nas ideias. Como a sua procura é por conhecimento e não pela beleza em primeiro lugar, seja prático e busque por exemplos repetitivos.

* * *

Perfeito, e daí?

Pois bem, ter uma lista de enxadristas-modelo impede você de gastar muito tempo vendo quais competições vai acompanhar ou quais partidas vai analisar.

Na atualidade, eu não vou procurar muitas coisas. Se o Anish Giri está participando ou o Wesley So vai competir, eu estarei acompanhando. No passado, eu não vou me perder acompanhando miniaturas, porque eu tenho centenas de partidas do Anatoly Karpov e do Ulf Andersson por analisar.

Diminua o processo, limite as informações e não fique confuso sobre os próximos passos.

9. DESLIGUE A MÁQUINA E USE O SEU CÉREBRO!

Com o aumento de usuários nos servidores modernos de xadrez, as empresas notaram que poderiam se utilizar de alguns gatilhos para tornar seus visitantes ainda mais engajados e presos à plataforma pelo maior tempo possível.

Uma dessas ideias, foi o relatório de partida.

Apesar de ser um processo rápido e interessante, ele não agrega em nada no seu xadrez. No máximo, ele vai mexer com o seu ego (e te tornar cada vez mais irracional no processo).

Empresas são empresas, você ainda não é obrigado a se associar a elas.

* * *

Todavia, esta dependência aos relatórios gera no amador um sentimento de incapacidade própria. Afinal, como ele, sendo, muitas vezes, um iniciante, é capaz de encontrar os seus erros e corrigi-los?

Este texto vem para explicar o que é analisar uma partida e como todos os enxadristas são capazes de analisar as suas partidas e descobrir erros e falhas a serem corrigidas.

* * *

A análise de um jogo de xadrez é parecido com a lista de deveres que um piloto de avião tem que fazer antes de começar a viagem.

Um jogador iniciante recebe princípios elementares a serem seguidos durante o jogo. Um jogador intermediário já foi munido de fundamentos que complementam os princípios elementares. Um jogador avançado está desenvolvendo o conhecimento elementar e fundamental.

No fim do dia, você sempre tem autoridade para julgar uma partida de xadrez.

Talvez o seu julgamento não seja o mais completo e perfeito, mas ele é seu e fala sobre coisas que você entende e ainda precisa melhorar.

Isso é analisar uma partida de xadrez: ver o que você sabe sendo respeitado ou não no tabuleiro.

* * *

Estudar xadrez é adquirir conhecimento. Exercitar xadrez é praticar o conhecimento.

Praticar xadrez é aplicar o conhecimento exercitado. Analisar é verificar todo o processo.

A compreensão de que essas etapas se complementam e não podem existir sozinhas, faz com que você entenda a necessidade de uma rotina de treinamentos e a importância do equilíbrio na aplicação do seu tempo nas atividades enxadrísticas.

* * *

Não deixe as máquinas fazerem o seu trabalho, porque elas, na grande maioria do tempo, estão analisando coisas inúteis para você.

Analise suas partidas, encontre os seus erros e corrija-os numa próxima oportunidade. Só assim você vai criando bases sólidas no progresso do seu entendimento do jogo.

10. ESTUDAR FINAIS É PRECISO!

Antes de tudo: você não estuda finais apenas porque está indo mal nesta fase do jogo. Você estuda finais, porque o estudo de finais melhora todo o seu xadrez.

Eu sei, é um clichê atrelado ao Capablanca que você deve estudar finais.

Mas é um clichê verdadeiro. E eu posso te provar.

* * *

Já nas aberturas, o estudo de finais irá te guiar na escolha das variantes que vão compôr o seu repertório. Determinadas estruturas de peões são mais fáceis de gerar um peão passado ou uma maioria. Talvez as partidas não cheguem até lá, mas se tudo correr bem no meio-jogo, você terá essa pequena vantagem lá na frente.

Provavelmente, não há nada que aflore tão profundamente as suas habilidades de cálculo do que o estudo de finais. Há poucas peças no tabuleiro, um tempo perdido pode ser fatal e a contagem errada de movimentos até a promoção de um peão pode arruinar uma posição vencedora. O cálculo, nos finais, precisa ser excelente.

Estrategicamente, os finais são verdadeiras obras de arte. A necessidade de criar o controle de determinadas casas, ativar as poucas peças restantes e a sutileza dos ganhos de tempo para aprimorar suas intenções deixam qualquer posição fechada de meio-jogo parecendo apenas mais uma coisa comum e barata.

Ou seja, o estudo de finais, como apoiava Capablanca, te ensina xadrez como um todo!

* * *

Vamos falar dos estudos, então.

Há dois universos dentro dos estudos finais: os finais teóricos e as técnicas de finais.

Os finais teóricos são posições com poucas peças no tabuleiro (normalmente, menos do que sete), com vasto estudo, onde as técnicas para se ganhar ou empatar já são amplamente conhecidas e divulgadas. O trabalho do enxadrista é perceber essas posições e aplicar as regras, tendo o resultado esperado em alguns lances. Para este fim, o livro “100 endgames you must know”, do GM Jesus de la Villa, provavelmente, é um dos melhores e aborda quase todas as posições teóricas conhecidas.

As técnicas de finais são mais artísticas, formam uma grande quantidade de conceitos e ideias que podem ser aplicadas em condições amplas num final. Por exemplo, é neste rol de informações que aprendemos como proteger e restringir determinadas casas com o nosso Rei ou como iniciar um avanço de maioria numa das alas. Neste ponto, “Endgame strategy”, do IM Mikhail Shereshevsky, é uma das principais obras.

* * *

Há uma grande propaganda de que grandes jogadores agressivos do passado não entendiam de finais (e que essa habilidade estava restrita aos jogadores posicionais), mas isso não faz o menor sentido.

Independente do estilo, grandes jogadores e amadores dedicados sempre foram dedicados ao estudo da beleza presente nos finais.

CONCLUSÃO

Bem, espero que alguns desses conselhos, indicações e ideias tenham sido úteis.

Talvez nos encontremos em alguma competição por aí, se eu não desistir do xadrez até lá.

Fé em Caíssa e peão pra frente!